

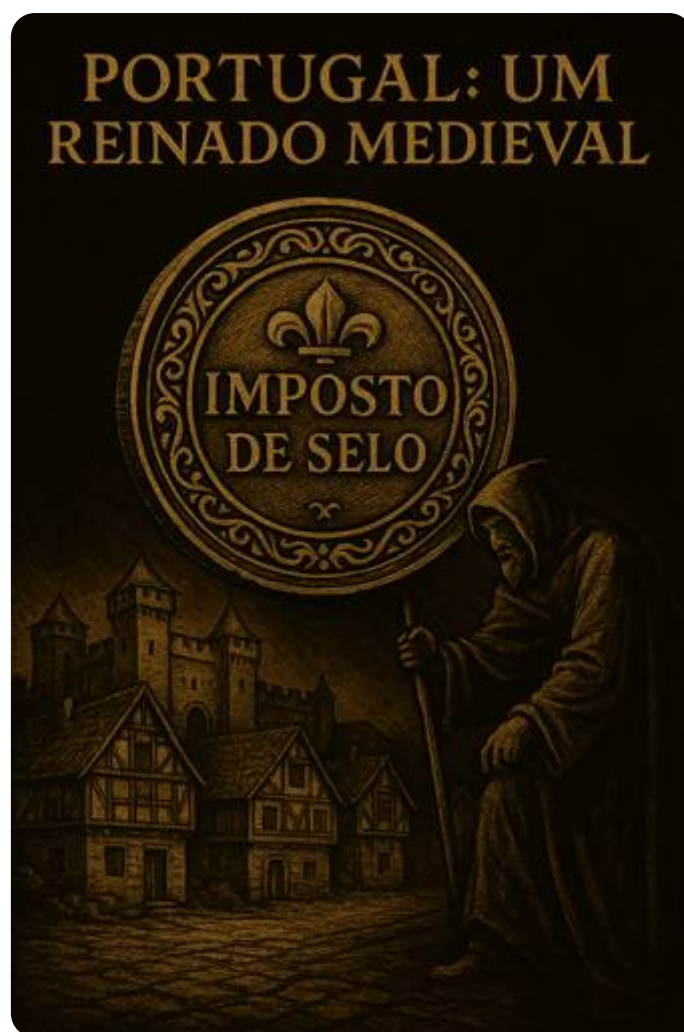
Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

sem_titulo

Publicado em 2025-12-06 20:38:27



BOX DE FACTOS

- O imposto de selo tem raízes históricas antigas, associado em Portugal ao século XVII.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

garantias bancárias, seguros e escrituras.

- É um imposto de cobrança simples e silenciosa, muitas vezes diluído em processos maiores.
- Funciona como símbolo de uma cultura fiscal baseada no carimbo e na formalidade.

Portugal: um reinado medieval

Há impostos que financiam um país. E há impostos que revelam a sua alma. O imposto de selo pertence à segunda categoria: não é apenas receita, é hábito antigo, é poder que cobra porque pode.

O carimbo que atravessou os séculos

Há uma espécie de atavismo fiscal em Portugal que resiste a todos os discursos de modernidade. Mudam-se os governos, mudam-se os slogans, mudam-se os mandatos, mas certos mecanismos sobrevivem como se fossem parte do mobiliário da nação. O imposto de selo é um desses móveis pesados,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Estado antigo, é mais do que uma curiosidade de arquivo. É um sinal. Um país que mantém um tributo com esta lógica de “taxa sobre o gesto” conserva, no fundo do sistema, uma mentalidade de carimbo régio. Como se a vida civil precisasse de pagar licença para existir.

A casa como penitência estrutural

A habitação deveria ser o território mínimo da dignidade. Em vez disso, tornou-se um corredor tributário: IMT, registos, emolumentos e, no meio do ritual, o selo a confirmar que até o sonho tem bilhete de entrada. Não é um golpe único: é uma sucessão de pequenas lâminas, uma pedagogia de obediência fiscal que começa no notário e termina no cidadão que aprende a não perguntar.

O crédito como culpa oficial

Quando uma família pede empréstimo, fá-lo porque o salário não acompanha o custo do mundo. O banco cobra juros pelo risco e pelo capital. O Estado entra depois, como sócio invisível, e cobra também — não por criar valor, mas por autorizar a formalidade da necessidade.

É aqui que o imposto de selo revela o seu lado mais simbólico: não é apenas fiscalidade, é uma mensagem

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Mesmo a morte, esse limite absoluto, não consegue ser espaço de silêncio. O Estado aparece na fronteira do luto, não com a delicadeza da protecção social, mas com a precisão da cobrança. O selo funciona então como etiqueta conveniente, uma palavra técnica que cobre a nudez do acto.

O imposto perfeito para um sistema preguiçoso

O imposto de selo é cómodo. Não exige grandes debates. Não provoca protestos diários. É pequeno o suficiente para ser tolerado, constante o suficiente para ser inevitável. Um imposto de pouca luz e grande sombra.

E é por isso que resiste: porque não depende de visão, depende de inércia. E a inércia, em Portugal, tem estatuto de património nacional.

Epílogo: a modernidade começa pelo que ousamos abolir

Acabar com o imposto de selo não seria apenas uma reforma técnica. Seria um gesto simbólico de maturidade do Estado, um corte com a lógica feudal da taxa sobre o acto, um sinal

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

parecer, aqui e ali, um reino antigo com Wi-Fi moderno: a tecnologia avançou, mas o instinto de cobrança ficou a guardar o castelo.

FONTE INSPIRADORA

Nuno Morna, “O imposto que nunca morre”, Observador, 06 Dezembro 2025.

Contexto editorial: esta crónica dialoga com a denúncia do autor sobre o imposto de selo como sobrevivência histórica de um Estado que cobra o gesto e a fragilidade.
<https://observador.pt/opinioao/o-imposto-que-nunca-morre/>

Francisco Gonçalves

com co-autoria editorial de Augustus

[leia] <=div>



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)



[Ebooks](#)



[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)